Pela Corôa Real do Salvador

"Arvorae o estandarte ás gentes" — Is. 62. 10

ANNO XXVII — S. PAULO, 17 DE ABRIL DE 1919 — NUMERO 16

O CREDO DA DOR

Eu creio que a dor é o segredo do forte,
E á alma seus proprios thesouros revela;
A dor engrandece, e nos deixa, após ella,
Um sello divino nas luctas da sorte.

Eu creio que ha um berço nas tumbas assente:
Nascer do homem novo do velho surgindo,
Espiga risonha, em mysterio tão lindo,
Fagueira brotando da humilde semente.

Eu creio, no mundo, a ventura se rega
No pranto amargoso, no anceio e cuidado;
Mais aspero é o solo por nós trabalhado,
Mais ledos os cantos no tempo da sega.

Eu creio, só ama quem muito soffreu,
Quem entra, em soluços, da dor no sacrario,
Quem teve na vida um sombrio Calvario,
Quem sente nos outros penar como o seu.

Eu creio, ignorando, soffrer é preciso,
P'la fé sustentados na dura provança,
Em Deus esperar contra toda a esperança,
E ver, nas tristezas, do Pae um sorriso.

Eu creio, amanhã, nossas provas de agora
Eu hei de entender ao esplendor da outra vida;
Será nossa fé em visão convertida,
Quaes sombras em luz, como as trevas na aurora.

Eu creio que um dia, no céo, o meu Deus,
Enxuga meus olhos e a fronte molhada;
Transforma a peleja em victoria altanada,
Os males converte em gloriosos tropheus.

Traduzido por L. P. M.

EXPEDIENTE

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Assignatura annual . . . . . . 10$000

Gratis aos Ministros do Evangelho

REDACÇÃO:

Redactor responsavel: EDUARDO CARLOS PEREIRA

Secretario e thesoureiro: VICENTE THEMUDO LESSA

Redactores auxiliares:
J. A. CORRÊA, BENTO FERRAZ e A. PINHEIRO

ENDEREÇO: Caixa 300 – São Paulo

OFFICINAS: Rua Visconde de Ouro Preto, 26

SUMMARIO

Acceitam-se annuncios nesta folha

O ESTANDARTE

Orgam Presbyteriano Independente

Pela Coroa Real do Salvador — "Arvorae o estandarte ás gentes"

ANNO XXVII — S. PAULO, 17 DE ABRIL DE 1919 — NUMERO 16

O Sacrificio do Calvario

E Jesus, tornando a dar outro grande brado, rendeu o espirito. (Mat. 27:50)

Observa-se, entre os ritos das religiões antigas, o costume geral de se offerecerem sacrificios aos entes sobrenaturaes, que eram objectos do culto religioso. Para applacarem a colera de suas dinvindades ficticias, enraivecidas contra a injustiça dos homens, vemos povos, divergindo em tudo, unirem-se, todavia, na confissão unanime da necessidade de uma victima propiciatoria. Sobre os altares de quasi todas as religiões pagãs, achamos continuamente um animal sacrificado, expiando as maldades do povo. E, por vezes mesmo, nos ritos tenebrosos de povos barbaros, encontramos o nefando sacrificio de victimas humanas, como se o sangue polluido dos filhos de Adão pudesse expiar as iniquidades de seus irmãos. Qual, porém, a razão da existencia geral de facto tão extranho? Como póde originar-se no espirito do homem o pensamento singular de que o Deus que elle enxergava confusamente, através das obras da creação, se comprazia nas entranhas palpitantes de um animal offerecido em sacrificio? Como póde imaginar o homem que a justiça do EnteSupremo seria desarmada ante o sangue fumegante de uma victima humana, derramado pela mão impura do sacerdote? Para os incredulos, para aquelles que negam a revelação divina, deve ser este um phenomeno extravangante, um problema historico insoluvel, que resiste impassivel as arrojadas hypotheses, ás agudas subtilezas da impiedade. Para o christão, porém, que humilde, estuda, no Livro das revelações de Deus, a causa de muitos phenomenos sociaes, moraes e religiosos, não é um enigma indecifravel a existencia geral dos sacrificios entre os differentes povos da antiguidade. Muito pelo contrario, essa existencia é a confirmação da veracidade biblica, e a confissão unanime da necessidade do facto fundamental de nossa religião, é a proclamação prophetica e universal do sacrificio do Filho de Deus!

Lemos nas Sagradas Escripturas que Abel, filho de Adão, tomava dos primogenitos de seus rebanhos, e offerecia-os ao Eterno; e o Eterno olhava complacente para suas oblações.

Noé, ao sahir da arca, levantou um altar ao Senhor, e sobre elle offereceu animaes em holocausto. Estes factos nos provam que a instituição dos sacrificios, regularizados depois por Moysés, como a base do culto judaico, data da quéda do homem. Os povos, pois, dispersando-se, levaram comsigo esta instituição divina.

Mas os sacrificios instituidos por Deus como base da religião do seu antigo povo, não tinha valor nenhum intrinseco: todo o seu valor estava no facto de terem elles sido «sombras de bens vindouros». Com effeito, os sacrificios da Velha Dispensação eram todos symbolos ou typos de um grande sacrificio, que devia ter logar no futuro, segundo as promessas da misericordia divina.

Uma grande Victima nos tinha sido promettida, a qual sobre o altar da eterna Justiça, devia ser immolada, em sacrificio expiatorio. O sangue dessa Victima perfeita, typificado pelo sangue dos cordeiros ou dos novilhos nos sacrificios leviticos, devia ser derramado em resgate da raça decahida.

Espalhando-se para diversas partes da terra, levavam os povos comsigo esta esperança, que traduziam em seus sacrificios. Em breve, porém, perderam de vista a idéa original desta instituição: olharam a sombra como se fôra o corpo, consideraram o typo como se fôra a coisa representada. Isto, porém, não impede de terem sido os sacrificios, entre todos os povos, o eloquente testemunho da historia e da consciencia universal em favor do sacrificio de nosso Senhor Jesus, offerecido uma só vez. Assim, pois, os sacrificios typicos da lei mosaica e os sacrificios adulterados das religiões gentilicas não são unicamente revelações propheticas da scena angustiosa do Calvario, mas tambem declarações emphaticas da grande importancia, da necessidade imprescindivel do sacrificio consummado nas agonias da cruz, onde, «dando um grande brado, rendeu Jesus o espirito».

Tendo quebrado a lei divina em Adão, seu representante legal, attrahiu o genero humano sobre si a sentença condemnatoria, lavrada no Eden pela eterna Justiça: «Em qualquer dia que comeres do fructo da arvore do bem e do mal, morrerás». Na sua extremada compaixão e infinita sabedoria, prometteu-lhe o Senhor, na semente da mulher, a destruição das obras da morte, o levantamento do interdicto, a absolvição da sentença condemnatoria. Mas para que pudesse isso fazer em consistencia com os eternos dictames de sua justiça, era necessario que uma victima expiatoria chamasse sobre si a condemnação fulminada contra todo o filho de Adão. Mas essa victima, tomada dentre os filhos dos homens, devia ser pura, immaculada, e devia possuir, na sua expiação vicaria, um valor infinito. Onde encontrá-la? Dentre os filhos dos homens nem um sequer reunia em si as condições para ser o representante da humanidade perante a justiça divina. Impuro e finito, não poderia jamais um homem constituir-se victima expiatoria dos crimes de seus irmãos. A victima, portanto, só podia ser encontrada no seio da Divindade: só na immensidade de Deus existia o valor infinito que podia tornar os soffrimentos vicarios de uma victima equivalentes aos soffrimentos eternos de milhões de peccadores. Só no sangue de Deus, para usar a expressão do Apostolo, havia o preço sufficiente ao resgate de nossas almas. E o Verbo divino, o eterno Filho de Deus, não recusou offerecer se por victima para receber sobre si o castigo que nos traria a paz». «Tu não quizeste hos-

tias, nem oblações, disse o Filho de Deus ao entrar no mundo, mas tu me formaste um corpo. Os holocaustos pelos peccados não te agradaram. Eis aqui venho para fazer, ó Deus, a tua vontade». No cumprimento do tempo, diz S. Paulo, enviou Deus a seu filho, feito de mulher, feito subjeito á Lei, afim de remir aquelles que estavam debaixo da Lei, para que recebessemos a adopção de filhos». A segunda pessoa da Sanctissima Trindade desceu, pois, á terra no tempo apropriado, assumiu um corpo e uma alma racional, tomou a natureza humana para que pudesse soffrer e morrer, para que pudesse derramar o seu sangue, porque, diz a Palavra de Deus, «sem effusão de sangue não ha remissão». O sangue dos touros, dos bodes ou dos cordeiros, derramado ante os altares do Templo, não podia de modo algum tirar os peccados; porque a vida do irracional não é equivalente á vida do homem creado, á imagem de Deus. Mas o sangue do Cordeiro de Deus é infinito em seu valor, e esse sangue é a sua vida que elle deu para salvar as nossas. E não nos deu uma só gotta de seu sangue precioso: uma só gotta não seria a vida, e a Lei inflexivel da eterna Justiça exigia nada menos que a vida do peccador, e, portanto, nada menos que a vida de seu representante, de seu *substituto*, de sua victima. «Se elle tiver dado a sua alma pelo peccado, diz o propheta Isaias, verá a sua descendencia perduravel». Elle, pois, deu-nos todo o seu sangue e no ultimo surpiro de sua vida, no ultimo brado de agonia, consummou um sacrificio perfeito. «Elle entregou sua alma á morte; diz-nos ainda o propheta, foi posto no numero dos malfeitores; carregou com os peccados de muitos, e rogou pelos transgressores da Lei.

Havia no templo de Jerusalem uma parte interior, separada do resto por um véo, a qual era chamada o Tabernaculo ou Sancto dos Sanctos. Nesse Tabernaculo só entrava o pontifice uma vez por anno, não sem sangue, diz S. Paulo, que offerecesse pelas suas proprias ignorancias e pelas do povo. Significando com isto o Espirito Sancto, accrescenta o mesmo apostolo, que o caminho do Sanctuario não estava ainda descoberto, emquanto subsistia o primeiro Tabernaculo». Mas, quando se consummou o sacrificio do Calvario, quando o Filho de Deus, dando um grande brado, rendeu o espirito», eis que se rasgou o véo do Templo em duas partes de alto á baixo», e o Sanctuario ou o Sancto dos Sanctos, aonde só penetrava o summo sacerdote uma vez por anno, ficou patente aos olhos de todo o povo. De então em deante, estava descoberto o caminho do Sanctuario de Deus. «Portanto, irmãos, exclama o escriptor sagrado, tendo ousadia para entrar no sanctuario pelo sangue de Jesus, pelo caminho novo e vivo, que elle nos consagrou, pelo véo, isto é, pela sua carne; cheguemo-nos com verdadeiro coração na inteira certeza da fé», «cheguemo-nos com confiança ao throno da graça, para que alcancemos misericordia». O sangue ou o sacrificio de nosso Senhor Jesus abriu-nos um caminho franco aos céos, derribando o lanço de muro das inimizades que nos separava de Deus. Foi esse sacrificio que nos restituiu o favor de Deus e nos abriu o thesouro das graças divinas. E' esse sangue bemdicto, que, purificando-nos de todo o peccado, faz de miseraveis criminosos filhos queridos de Deus. A cruz ou o sacrificio do Calvario é a unica base de nossa acceitação, e, por isso mesmo, é o fundamento do Christianismo, o alicerce inabalavel de nossa esperança.

O sacrificio de nosso Senhor Jesus Christo exigido pela consciencia universal, typificado nos sacrificios do Templo, a morte da victima immaculada do Golgotha veio dar-nos a revelação clara e eloquente do caracter de Deus. Consideremos, pois, agora debaixo deste ponto de vista a Cruz do Calvario. Jesus morreu para nos salvar, como acabamos de ver, mas salvando-nos com o sacrificio de si mesmo sobre o altar da justiça inviolavel de Deus, deu-nos elle a conhecer o Pae. E o conhecimento dos attributos de Deus, proeminentemente revelados na cruz do Calvario, leva-nos á comprehensão mais clara da necessidade do doloroso sacrificio a que devemos a possibilidade de nossa salvação.

De todos os gloriosos attributos, que ahi fulguram, consideremos a sua justiça e o seu amor, attributos estes, que, na morte de nosso Senhor, resplandecem com um brilho novo e deslumbrante.

O crente que indaga as chronicas do passado, vê, por certo, aqui e ali estrondosas manifestações da justiça divina. Num imperio que desaba, numa nação que se aniquila, reconhece o christão a Providencia divina presidindo ao destino dos povos. As moles gigantescas, que cobrem as margens do Nilo; as ruinas silenciosas e imponentes que juncam o solo vetusto da Asia, dizem ao viajante, tacita mas eloquentemente, que por ali passou a vara inexoravel da justiça do Senhor. Mas, se grandes, se estrondosas teem sido as manifestações da justiça divina, mergulhando no pó nações ou raças; se profundos, se indeleveis teem sido os golpes do Anjo exterminador, executando sobre os povos da terra os juizos de Deus; muito maior, muito mais estrondosa é a manifestação desta justiça na Cruz do *Calvario! muito mais profundos*, muito mais indeleveis são os golpes dessa justiça inflexivel, quando consideramos que não é um povo ou uma raça que ali se estorce nas vascas da morte, não! é mais do que tudo isso: — é o Filho de Deus! Rompendo o involucro do passado e contemplando a admiravel magnificencia de muitos povos da antiguidade, somos levados a perguntar a nós mesmos: que é feito do portentoso Egypto, da arrogante Persia, da orgulhosa Assyria? onde está a brilhante Grecia, e Roma a omnipotente? Onde se acham esses povos colossaes que arrojavam ao céo a Babel de sua soberba, e assombravam o mundo com a grandeza de seu poder? Dormem, debaixo de montões de ruinas, o somno do eterno aniquilamento! Quando lemos essas lições eloquentes, escriptas pelo dedo da Providencia sobre os destroços de antigas grandezas, curvamo-nos temerosos ante o Deus supremo de Israel, e reconhecemos que o Senhor é terrivel em sua justiça. Que diremos, porém, ao contemplar aquelle que no principio com Deus creou os céos e a terra, e ordenou que a luz jorrasse do chaos, e cobrisse a face do abysmo; que diremos ao ver o «Principe da paz, o Pae da eternidade, o Deus forte», a cujo aceno se congregavam os povos, para executarem seus decretos, que quebrava os imperios, como vara em sua mão; que diremos ao contemplar o Verbo divino, cercado de trevas espessas, agitando-se no estertor da morte, e na angustia de sua alma soltar um grito de dor: «Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?» Donde lhe vem este grito de agonia? No excesso da dor o sangue transuda-lhe dos poros na granja do Gethsemane; como ovelha levada ao matadouro», elle é arrastado, açoutado, coroado de espinhos e crucificado sem que, entretanto, lhe saia dos labios uma queixa sequer! São, pois, agora os vergões dos açoutes, os cravos que lhes traspassam as mãos e os pés, são esses tormentos physicos que lhe arrancam do peito este grito de dor? Não! E' seu coração que estala debaixo do peso infinito dos horriveis soffrimentos, que durante seculos eternos deviam cahir sobre cada um de seus irmãos! São as dores de milhões de eternidades, como alguem já o disse, mysteriosamente concentradas num só feixe e descarregadas num momento sobre sua cabeça ensanguentada! E' que a ira tremenda da lei divina contra o peccado fulmina no Calvario a victima expiatoria! Aquelle em «cujos labios não foi achado engano», constituira-se o substituto dos

peccadores e em sua dolorosa paixão propunha-se a soffrer tudo quanto, nos horrores da condemnação, reservava a Justiça aos transgressores da Lei. No momento em que, no alto do Golgotha, ia consummar a obra da redempção, nesse momento supremo elle sente-se desamparado: como timidas ovelhas, dispersaram-se seus discipulos ao ruido do golpe, que ferira o Pastor. Ao pé da Cruz move-se uma turba infrene e desapiedada. O lucto extende-se sobre a face da terra: a noite invade o espirito do Salvador; as potestades das trevas o accommettem com sanha infernal. Por trez longas horas trava-se um combate extranho, terrivel, inaudito; do seu exito dependem os destinos da humanidade. Deus Pae, que tinha sido a fortaleza de Jesus, e que elle tanto amara, vendo posta sobre elle a iniquidade de todos nós, esconde-lhe a face querida. As trevas dobram de intensidade, a dor sobe de ponto, busca o seio do Pae, não o encontra. «Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste!» Quem póde sondar o abysmo da dor, quem póde comprehender a profundidade do golpe, que lhe arrancou do intimo da alma esta expressão de agonia!? No altar do Calvario era sacrificada a victima sacrosancta! era immolado o Cordeiro de expiação! Na cruz do Golgotha, eis o Filho do homem «recebendo em si o castigo que nos devia trazer a paz; eis o justo morrendo pelos injustos; eis o Filho de Deus, fazendo-se maldicção por nós!» O golpe fôra firme, inflexivel, profundo, sobre a victima innocente: a justiça estava satisfeita.

Deante de uma proclamação tão solenne da inviolabilidade da lei divina, deante de uma manifestação tão estrondosa da justiça infinita de Deus, poderá ainda alguem calar as arguições de sua consciencia com uma falsa e indolente segurança na misericordia paternal de Deus? Quem deante de Christo expirando em agonias indiziveis, quem ousará affirmar que a espada da justiça não o alcançará, visto que poucos ou pequenos são os seus peccados? Vinde, vós peccadores, que assim pensaes, vós que não sabeis ainda que «o estipendio do peccado é a morte», vós que não podeis sondar os abysmos da justiça divina; vinde e contemplae no Calvario o raio que ha de um dia fulminar os peccadores impenitentes na immensa voragem da eterna perdição! Vedes Aquelle que, ensanguentado, pende de uma cruz e se estorce nos paroxismos de uma agonia inaudita? E' o Filho de Deus!

Pouco antes, na perspectiva da ira terrivel da infinita justiça, orava elle a seu Pae. A agonia era mortal: o sangue porejava de sua fronte, e, como bagas de suor, deslizava pela face, e ia, gotta a gotta, humedecer a terra a seus joelhos!: «Pae meu, exclamava elle em afflicção indizivel, Pae meu, se é possivel passa de mim este calix sem que eu o beba. Mas o calix não passou. Christo bebeu-o, e bebeu-o até ás fezes. E vós, peccadores, julgaes que não haveis de beber o calix da ira de Deus? Quem sois vós, pois? Collocar-vos-eis acima do Filho bem amado de Deus? Tremei, pois, ó peccadores, tremei da ira que se revelou no Calvario, dessa ira vindoura, que se manifestará desde o céo contra todos o filhos da incredulidade! Tremei vós os que pisaes o sangue de Christo, e que, pela vossa indifferença, o tendes em conta de profano! Tremei, se a vossa esperança repousa tão somente no facto de ser elle misericordioso, esquecendo-vos que tambem é justo, e que, como tal, não póde ter os culpados por innocentes. Se aterrados e confundidos, contemplamos esta face da cruz, é confundidos ainda, mas cheios de gratidão, mas transportados de gozo, que contemplamos a outra face. Com effeito, quando, soltando as asas á nossa meditação, deixamo nos errar no oceano do amor divino, cuja extensão illimitada se rasga então ante os olhos de nossos espiritos; quando, extaticos, do cimo do Calvario contemplamos a sublime perspectiva desse amor ineffavel, que excede a nossa comprehensão, não podemos deixar, na pobreza de nossa linguagem, de arrancar do fundo de nossas almas a expressão que o discipulo amado bebera no seio de Jesus: Deus é amor!

O amor de Deus para com os homens revela-se, sem duvida, em todas as obras de sua creação. O sol inundando os espaços de luz, e por toda a parte levando o calor e a vida; a chuva regando a terra e fazendo brotar a semente nella depositada; as flores adornando as campinas e embalsamando o ambiente; verdes florestas extendendo-se pelos montes; placidos rios espreguiçando pelos valles; alvas cascatas desprendendo-se dos rochedos; a lua deslizando-se brandamente por um céo recamado de estrellas rutilantes e dominando o silencio da noite; tudo isso é bello e sublime; tudo isso nos falla de um Creador bondoso, cheio de sympathia e de amor para com suas miseras creaturas. Mas em parte alguma a bondade, a sympathia, o amor de Deus para com os homens se revela com tanto brilho e grandeza, como na morte de Jesus Christo, como na Cruz do Calvario. E' ahi que esse amor eterno, profundo, infinito, se ostenta aos olhos deslumbrados do peccador, em toda a sua bella e majestosa grandeza! Quando Jesus, envolvido em pannos, repousava na mangedoura de um presepio, ouviu-se nos ares um coro de anjos, que assim cantavam: «Gloria a Deus no mais alto dos Céos, e paz na terra aos homens, a quem elle quer bem».

Os pastores, admirados daquelle canto, correram a Bethleem; e lá viram uma creança recem-nascida, reclinada pobremente em uma mangedoura. Voltando, glorificavam a Deus, reconhecendo a verdade do que dizia o coro angelico. Oh! sem duvida queria bem aos homens Aquelle que permittiu que, por amor delles, seu Filho dilectissimo deixasse o throno refulgente de gloria, para repousar humilde e pobre, envolvido em pannos, em um logar tão desprezivel! Mas que diremos ao ver o amado Filho do Altissimo crucificado entre dois ladrões, e lavado em seu proprio sangue? Quem poderá duvidar desse amor immenso e ineffavel ao ouvir o terno Jesus, tragando as fezes do calix de amargura, exclamar: *«Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?»*

Certamente o Pae que tanto amava a seu Filho e que nelle tinha posto a sua complacencia, não o desampararia, por certo, nessa hora de tanta agonia, se a isso não o determinasse algum motivo infinitamente poderoso! Mas esse motivo nos o sabemos; é o mesmo Filho quem nô-lo declara: «Deus amou de tal sorte o mundo que lhe deu seu Filho unigenito, para que todo o que crê nelle não pereça, mas tenha a vida eterna». Foi porque desde toda a eternidade Elle nos amou com toda a ternura e compaixão; foi porque se enterneceu á vista das miserias de uns filhos rebeldes; foi porque nos amou que seu eterno Filho se fez nosso irmão, soffreu as nossas dores, chorou as nossas lagrimas, ensinou-nos as doutrinas da vida; e carregou sobre a cruz as nossas iniquidades. Foi por tudo isso que Christo morreu a seu tempo por uns impios, e que o Pae manifestou sua viva caridade para com suas miserandas creaturas, acceitando-o como hostia de propiciação requerida por sua inviolavel justiça. Tanta compaixão e tanto amor para com os indignos mortaes, não vos commovem, porventura? Não toca, porventura, os vossos corações esse amor insondavel do Pae que o levou a entregar o seu Filho amado á morte angustiosa da cruz, para dar vida e eterna felicidade a seus miseraveis inimigos, que se compraziam em pisar a sua lei? Se, tremendo, contemplamos a justiça no Calvario, é com sancta ousadia que nos approximamos de Deus, quando consideramos o amor que elle nos mostrou no sacrificio de seu eterno Filho. O impio, deve esmorecer de terror ante a scena do Calvario, mas não assim o crente. Ella nos falla de um amor immenso da parte de Deus Pae e de seu bemdicto Filho, amor pre-

ciosissimo que nos faz exuberar de goso no meio das tristezas e miserias desta vida! E como não ser assim se este amor nos falla de perdão e misericordia? Verdade bemdicta, proclamada ha dezenove seculos no sacrificio do Calvario. Deus nos ama, e que mais nos falta? Ainda que a mãe se esqueça do filho de suas entranhas, diz nos Elle por bocca do Propheta, «eu não me esquecerei de ti!» Oh! ante a grandeza do eterno amor, ante as provas tocantes que desse amor ineffavel nos deram os padecimentos cruciantes do Filho de Deus; curvemo-nos confundidos, e choremos, mas choremos de alegria e gratidão! Choremos, e que as nossas lagrimas reconhecidas, como outr'ora as da peccadora, lavem os pés traspassados do compassivo Jesus! O sacrificio de nosso Senhor Jesus Christo, a sua morte vicaria, como victima de expiação, é o ponto central da religião christã, é a fonte de onde correm, cheias de vida, as doutrinas apostolicas. Esse sacrificio pedia-o a raça proscripta na miseria e desespero de seu estado e nos ritos sanguinolentos de suas religiões. Pedia-o tambem a misericordia divina, como o unico meio de salvá-la. Requeria-o a eterna justiça, como modo unico de permanecer justa e ao mesmo tempo justificar o peccador. A morte de Christo veio harmonizar na salvação do homem a justiça e a paz, o que o peccado parecia ter para sempre tornado impossivel, pondo-nos debaixo da maldicção da Lei. Felizmente, porém, no Calvario, como diz o Psalmista: «A misericordia e a verdade se encontraram, a justiça e a paz se deram osculos». A morte do Senhor Jesus Christo é a solenne proclamação da justiça e do amor de Deus. Quão grande deve ser o amor que nos consagra o Pae, para obter a nossa salvação a custa de um sacrificio tão grande, como era para Elle a morte agoniosa do seu Filho bem amado! Quão inviolavel e terrivel a justiça, que não deteve o tremendo golpe nem mesmo sobre a cabeça sacrosancta do Filho unigenito de Deus! Oh! por certo, desde que o mundo existe, nenhum facto mais estupendo, nenhum espectaculo mais grandioso se tem offerecido aos olhos dos homens, do que a scena angustiosa do Calvario! Sufficiente motivo havia sem duvida para tremer a terra, estalarem as rochas, e cobrir-se o sol com um véo luctuoso!

A cruz de nosso Senhor Jesus Christo nos falla de perdão, patenteando a nossos olhos admirados o immenso amor de nosso Deus e Pae. «O véo do Templo, rasgando d'alto abaixo, e desvendando o Sanctuario, foi a repetição das palavras, que antes de render o espirito, proferira Jesus: «Tudo está cumprido». Nada, pois, resta a fazer para o resgate de nossas almas. «Deus proverá a victima, meu filho», disse Abrahão a Isaac. E o Deus no-la proveu, sancta e immaculada. O Cordeiro de Deus foi immolado, e o seu sangue, diz a Escriptura, purifica de toda a iniquidade». Mas, não nos esqueçamos; a cruz de nosso Senhor Jesus falla-nos tambem de ira e condemnação. Vindicando a lei divina na justificação do peccador, a morte do Filho de Deus é a emphatica declaração do irrevogavel proposito do supremo Juiz de punir, com todo o rigor da eterna justiça, a iniquidade de suas rebeldes creaturas! Assim como não foi poupado Jesus, que se constituira nosso substituto, muito menos sê-lo-á aquelle que não acceitar a sua substituição. E, porventura, rejeitar o sangue precioso do Filho de Deus, menosprezar as provas tocantes do amor divino, recusar desdenhosa e sacrilegamente a mão de misericordia que, de cima do Calvario, nos extende nosso gracioso e bemdicto Senhor, não é uma negra ingratidão que aggrava immensamente a nossa condemnação? Na morte de nosso Senhor Jesus Christo, pois, temos a sublime proclamação de nosso eterno resgate, ou então a certeza de nossa eterna condemnação.

Lorena, 22 — 2 — 1881 **E. C. P.**

O GRANDE TRABALHO

Quando a sós, em minhas meditações matutinas, espraio as vistas, já cansadas pelo perpassar dos annos, para este bello e vasto Brasil, e vejo, contristado, a carencia de obreiros evangelicos e a completa exiguidade de meios para manter e alargar o trabalho, eu me sinto entristecido até á lagrima!

Entretanto, ha tantos moços intelligentes, preparados, robustissimos, que podiam e deviam empunhar o estandarte da cruz, levantando-o á altura de um principio; ha crentes que visitam as suas arcas repletas, contando e admirando as largas sommas que não sabem, mesmo, em que hão de empregar!

Paulo dizia: «Não sou eu que vivo, mas Christo é que vive em mim»; Zaqueu proclamava: «Senhor, eu estou para dar aos pobres metade dos meus bens; e naquillo em que tiver defraudado a alguem, pagar-lh'o-ei quadruplicado». (Filippenses, 1:21; Luc. 19:8).

Paulo era, no emtanto, denominado — «vaso escolhido e precioso», e Zaqueu recebeu de Christo este testemunho: «Hoje entrou a salvação nesta casa; porque este tambem é filho de Abrahão». (Luc. 19:9).

Como estão longe da dedicação de Paulo e de Zaqueu aquelles que se esquivam do trabalho ou reteem delle os seus haveres!...

— «Quem, quem irá as novas proclamando que Deus em Christo salva o peccador?»; quem dirá com o grande patriarcha: «De tudo que me deres pagarei o dizimo?»

Leiamos: «Nenhum que põe a sua mão ao arado, e olha para traz, é apto para o Reino de Deus» (Luc. 9:62.

Cuidado, irmãos, com os talentos que Deus vos deu!

Herculano de Gouvêa.

Rio Claro, 27—3—19.

Jesus na Cruz

Jesus morre! A natureza
Pasma e chora o seu auctor!
Tudo se encha de tristeza,
Tudo manifesta dor.
Tu christão, que vês as pedras
Assombradas estalar,
Não sejas mais duros qu'ellas,
Teus peccados vem chorar.

Da cruz, onde foi pregado,
Ouço vozes de perdão:
"Pae eterno, ó pae amado,
Tende delles compaixão".
O mais horrendo attentado
Não duvida perdoar!
Assim, quando injuriado,
A meu pae eu devo orar!

APONTAMENTOS

As loterias.—Tiradentes.—O trabalho.—Via-sacra.

Posto que pareça tractar-se de mal chronico, nem por isto se deve deixar de indagar se não será possivel a sua cura. E' uma questão social de alta importancia, daquellas que directamente affectam o caracter de um povo. Referimo-nos ao inveterado jogo loterico. Em 1882, no Senado do Imperio, o Conselheiro Saraiva dizia que «qualquer que seja o modo pelo qual se encare esta questão, bem como a opinião que sobre ella se tenha, fôra imprevidencia não reconhecer desde já que, numa época mais ou menos distante, o progresso das idéas sãs tornará impossivel a continuação das loterias». E de então para cá, apesar do evoluir dessas idéas e do elevado grau de progresso a que o paiz tem attingido, nada de retrocesso se nota no mal apontado. Ao contrario, as loterias se teem disseminado por todo o paiz, cavando a ruina e fazendo a infelicidade de muitas familias. Principalmente depois da invenção do chamado jogo do bicho, que tem por base o loterico, mas que é muitissimo peor que elle, porque está ao alcance de todos, o gosto criminoso do jogo tomou um notavel incremento. E de tal modo se acha disseminado entre o nosso povo que já aos poderes publicos chegou a triste convicção de que é mal sem remedio. Não chegamos ainda a uma conclusão tão radical e pessimista, motivo pelo qual se nos afigura que, no momento de transição por que estamos passando, uma cerrada campanha neste sentido seria algo salutar. Está, não ha duvida, longe de cumprir-se o prognostico do Conselheiro Saraiva, mas a verdade é que deve ter, mais tarde ou mais cedo, o seu cumprimento.

Passa, no dia 21 do corrente, mais um anniversario da execução do patriota brasileiro, José Joaquim da Silva Xavier — o Tiradentes.

Eis o decreto de sua condemnação, assignado pela rainha D. Maria I:

«Justiça que a rainha Nossa Senhora manda fazer a este infame réo José Joaquim da Silva Xavier, pelo horroroso crime de rebellião e alta traição, de que se constitue chefe e cabeça na capitania de Minas Geraes, como a mais escandalosa temeridade contra a real soberania e suprema auctoridade da mesma Senhora, que Deus guarde.

Manda que, com braço e pregão, seja levado pelas ruas publicas desta cidade ao logar da forca, e nella morra morte natural para sempre, e que, separada a cabeça do corpo, seja levada á Villa-Rica, aonde será conservada em poste alto, juncto ao logar de sua habitação, até que o tempo a consuma; que seu corpo seja dividido em quartos e pregados em eguaes partes pela estrada de Minas, nos logares mais publicos, e principalmente no da Varginha e Cebolas; que a casa de sua habitação seja arrazada e salgada e no meio de suas ruinas levantado um padrão em que se conserve para a posteridade a memoria de tão abominavel réo e delicto, e que, ficando infame para seus filhos e netos, lhe sejam confiscados seus bens para a coroa e camara real».

Walter Scott, cujo amor ao trabalho se manifestava practicamente num labor constante e altamente proveitoso, empenhava-se muito por convencer a seus filhos de que o trabalho era o unico meio de conseguir a felicidade e tirar proveito.

A seu filho Carlos, quando no Collegio, escreveu Scott:

«Nunca cessarei de procurar convencer-te de que o trabalho nos foi imposto por Deus em todas as condições da vida. E' por meio delle que se deve adquirir tudo quanto de alguma coisa sirva ao homem, desde o pão que o operario ganha com o suor do seu rosto, até os objectos que servem de passatempo ao rico... Quanto á instrucção, é tão impossivel que ella possa ser plantada no espirito sem trabalho, quanto é impossivel semear-se em um campo sem que o arado o tenha preparado; com esta differença, porém, que as circumstancias podem fazer que outro colha os fructos do que o lavrador semeou, e ninguem póde ser privado em caso algum do fructo de seus estudos, os quaes, por maiores que sejam, só redundam em proveito seu. Trabalha, mocidade, o caminho é facil, o espirito é ductil e a instrucção se adquire sem grande esforço; se formos negligentes na primavera, o verão será para nós esteril e desprezivel, e o inverno triste e desrespeitado».

A maxima de Scott era: «Nunca se deve estar sem fazer nada».

A carta que ahi fica, é bem uma mensagem que deve ser endereçada á mocidade de nossos dias, tão avida dos gosos da vida, mas em tudo e por tudo avesa aos gosos puros e ineffaveis que só os dão o trabalho e a investigação.

O Dr. M. A. de Almeida descreve assim uma via-sacra, como era practicada em nossas principaes cidades, ali por 1850:

«Ha bem pouco tempo que existiam ainda em certas ruas da cidade cruzes negras pregadas pelas paredes de espaço a espaço.

A's quartas-feiras e em outros dias da semana sahia do Bom Jesus e de outras egrejas uma especie de procissão composta de alguns padres conduzindo cruzes, irmãos de algumas irmandades com lanternas, e o povo em grande quantidade; os padres rezavam e o povo acompanhava a reza.

Em cada cruz parava o acompanhamento; ajoelhavam-se todos e oravam durante muito tempo.

Este acto que satisfazia a devoção dos *carolas*, dava pasto e occasião a quanta sorte de zombaria e de immoralidade lembrava aos rapazes daquella época, que são os velhos de hoje, e tanto clamam pelo desrespeito dos moços de agora.

Caminhavam elles em charola atraz da procissão, interrompendo a cantoria com directerios em voz alta, ora simplesmente engraçados, ora pouco decentes; levavam longos fios de barbante, em cuja extremidade iam penduradas grossas bolas de cera. Se ia por ali ao seu alcance algum infeliz, a quem os annos tivessem despido a cabeça dos cabellos, collocavam-se em distancia conveniente, e escondidos por traz de um ou de outro, arremessavam o projectil, que ia bater em cheio sobre o calvo devoto; puxavam rapidamente o barbante, e ninguem podia saber donde tinha partido o golpe. Estas e outras scenas excitavam vozarias e gargalhadas na multidão.

Era isso o que naquelles *devotos* tempos se chamava correr a Via-Sacra».

«E' um candieiro o mandamento,
A lei é luz que te ensina,
Vae seguro o viajante
Na correcção da doutrina».

C.

O JULGAMENTO DE JOÃO HUS

O bispo de Lodi prégando perante o Concilio de Constança no julgamento de Hus

Vimos que a entrada imponente de João XXIII em Constança se dera em 28 de outubro, ao passo que João Hus ali entrara humildemente em 3 de novembro. No dia seguinte, o reformador participou ao Papa a sua chegada e este o recebeu cortezmente e expressou o desejo de protegê-lo.

Entretanto, os inimigos de Hus estavam vigilantes. Palecz e Causis, ecclesiasticos de Praga, teciam intrigas alliciando contra elle os membros do Concilio. A consequencia é que, em 28 de novembro, foi o reformador preso e conduzido perante o Papa e os cardeaes, a despeito do salvo-conducto do imperador.

Posto sob a guarda do secretario da Cathedral, foi uma semana depois atirado em uma prisão insalubre, pelo que a sua vida correu serio perigo. Os proprios medicos do Papa foram enviados a soccorrê-lo para que a victima não escapasse á sanha do Concilio.

Ao chegar a Bohemia a noticia da violação do salvo-conducto, foi grande a indignação. Os nobres dirigiram uma representação a Sigismundo protestando contra a violencia. Em Constança, João de Chlum, o grande amigo de Hus, erguera, por seu turno, energico protesto. O imperador quiz intervir a favor de Hus, mas faltou-lhe a energia necessaria. O Concilio mostrou-lhe que ninguem era obrigado a guardar a fé contra os hereges: *Non est frangere fidem in eo qui fidem Deo frangit.* Provaram-lhe que não podia interferir em questões ecclesiasticas e o fraco imperador consentiu, em 19 de abril de 1915, em annullar o salvo-conducto!

Proseguia, entretanto, o processo e havia grande empenho na condemnação de Hus. Seus escriptos foram examinados e muitos erros se julgaram nelles existir. Jacob de Misa, ecclesiastico de Praga, distribuia ao povo os dois elementos da communhão e queriam que a culpa recahisse sobre o reformador.

Neste intervallo se dera a fuga do papa para os dominios do duque de Austria e João Hus fôra transferido para o Castello de Gottlieben, do outro lado do Rheno, e mettido em grilhões. Dera-se a deposição do Pontifice e a sua consequente prisão. Quiz a sorte ironica que o prisioneiro hierarchico fosse lançado no mesmo castello, em um carcere vizinho! Mezes antes, haviam tido recepção bem diversa em Constança; agora o mesmo destino os une. E, todavia, os crimes são bem differentes. João XXIII era accusado de crimes tão hediondos que o decoro impedia de serem nomeados perante o Concilio; João Huss era arrastado ao tribunal por denunciar os erros do clero e apresentar ao povo o puro ensino das Escripturas. Contra o seu caracter moral não havia accusação. Os grilhões do papa são o merecido premio de suas infamias; as cadeias de Hus, o penhor de suas virtudes.

Sem embargo da condição moral de ambos, um é degradado e atirado ás chammas; o outro, após algum tempo de prisão, é libertado por Martinho V e feito deão do Sacro Collegio e cardeal-bispo de Frascati! E' assim o juizo dos homens. Mas João Hus appellara para o tribunal de Christo, perante o qual os dois homonymos deveriam comparecer com cinco annos de intervallo um do outro. A justiça se fez então!

O julgamento de Hus foi iniciado no dia 5 de junho. Comparecendo o accusado, foram-lhe apresentados os seus livros, que elle os reconheceu como taes. Em seguida, foram produzidos os artigos de accusação. Alguns exprimiam bem as opiniões de Hus outros apresentavam exaggeros ou perversões em suas doutrinas; outros, finalmente, eram inteiramente falsos, desenvolvendo opiniões e doutrinas que nunca vieram á mente do reformador.

João Hus quiz fallar, mas reproduziu-se a scena final do julgamento de Estevam. Levantou-se um tumulto na assembléa, rangeram os dentes contra elle e sua voz foi abafada. João de Chlum e outros nobres bohemios, testemunhas do tumulto, tomaram a peito a causa do martyr e requereram a presença de Sigismundo afim de impôr a ordem ao Concilio.

No dia 7 de junho houve segunda reunião e terceira no dia 8 para tractar do caso em questão. Deu-se naquelle dia um eclipse total do sol e as trevas aterraram os membros do Concilio. Compareceu o imperador, que via deante de sua presença o reformador com grilhões nos pulsos e a lembrança do salvo-conducto deveria ter produzido dolorosa impressão na sua consciencia.

Causis leu de novo a accusação, seguindo-se o debate entre João Hus e os doutores, no meio dos quaes se salientavam D'Ailly e Gerson. E, todavia, estes dois luminares da egreja gallicana, celebres pelas suas idéas liberaes, cerraram fileiras ao lado dos que desejavam ver o reformador eliminado! Embora João Hus não pensasse em se desligar da egreja em que nascera e em muitos pontos concordasse com a opinião do concilio, no fundo se manifestava um reformador radical, um legitimo continuador das idéas de Wiccliffe e da cadeia de testemunhas, que em todos os seculos vinha protestando contra os abusos de Roma. Instinctivamente, o Concilio reconheceu isso.

Elle mantinha o principio fundamental das Escripturas como a regra de fé, e de Christo como o Salvador.

No intervallo que precedeu a ultima reunião do julgamento, Sigismundo empregou esforços para salvar a vida de Hus. O Concilio preparou uma fórma de abjuração e submissão que o accusado deveria assignar e que lhe foi levada á prisão.

João Hus declarou-se prompto a retratar-se daquelles erros que lhe haviam sido falsamente imputados; relativamente, porém, ás doutrinas que elle havia prégado baseadas nas Escripturas, não se desdiria. «Antes ser lançado no mar, com uma mó de atafona ao pescoço—disse elle—do que, abjurando, offender aquelles pequeninos aos quaes havia prégado o Evangelho».

Por fim, foi-lhe proposto o caso de um modo mais simples: Devia elle prometter obediencia implicita ao Concilio. Hus percebeu o laço que lhe armavam e recusou

Um dos doutores do Concilio advertiu-lhe: «Se o Concilio vos dissesse que tinheis apenas um olho, deverieis acceitar isso». — Replicou Hus: «Emquanto Deus me conservasse os sentidos, tal coisa não diria, ainda que o mundo inteiro se me oppuzesse. Nada diria contra a consciencia».

Os padres do Concilio consideraram-n'o um obstinado e o proprio Sigismundo ficou irritado. Desde então sua sorte estava decidida. A condemnação era certa, mas o reformador estava em paz com a sua consciencia, como Luthero um seculo mais tarde perante Carlos V.

Escrevendo então a um amigo, disse o prisioneiro: «Com as mãos agrilhoadas, «escrevo esta carta e amanhã espero a minha sentença de morte. Quando, com o auxilio de Christo» nos encontrarmos no céo, sabereis quão misericordioso foi Deus para commigo, quão efficazmente me sustentou nas minhas tribulações e tentações». A sua alma gosava da mais perfeita paz.

Emquanto esperava o desfecho, sonhou uma noite que se achava em sua amada capella de Belém e que sacerdotes invejosos tentavam apagar as effigies de Christo que elle mandara affixar nas paredes. Elle se entristecia, mas via ainda em sonhos, que pintores appareciam no dia seguinte e restauravam as imagens de Christo, dando-lhes mais brilho e perfeição. Era uma visão prophetica. Por mais que os padres e frades introduzissem innovações, a doutrina de Christo havia de resplandecer com mais fulgor.

Não era somente o odio religioso que perseguia João Hus. A politica exercia egualmente a sua parte.

O reformador era o *leader* de um partido reaccionario contra a hierarchia dominante. Se voltasse em paz para a sua terra, haveria a probabilidade de ser alienada de Roma a egreja da Bohemia.

Além disso, Gerson, D'Ailly e outros egregios membros do Concilio, conhecidos por suas idéas liberaes, receiavam mostrar suas sympathias para com um espirito revolucionario como Hus. Elles pretendiam pôr ordem á Egreja. Proteger Hus seria animar a revolta. Uma circumstancia aggravante, porém, consistia na attitude de Hus para com o estado politico da Bohemia. E' sabido que o illustre tcheque trabalhava, com ardor, para a emancipação politica de sua patria, que vivia sob o jugo da influencia germanica. Muito havia elle já conseguido no caso da universidade de Praga, libertando-a daquella influencia. O clero allemão exercia grande preponderancia no Concilio de Constança e não podia encarar com sympathia o campeão das liberdades da Bohemia. Sigismundo mesmo era mal visto pelos tcheques e não podia favorecer o insigne caudilho.

Em um pamphleto da actualidade, de Edvard Benes, illustre docente da universidade de Praga, encontra-se um resumo historico das luctas da Bohemia e dos tcheques pela sua independencia. João Hus é glorificado nessas paginas. Foi elle o homem — diz o pamphletista — que os tcheques deram á Europa como o iniciador da lucta em prol da liberdade de consciencia.

«Não foi somente um reformador religioso, mas o iniciador desse grande movimento philosophico que terminou na revolução franceza e no estabelecimento do individualismo philosophico e da politica moderna. E' pelo orgam de João Hus que a Bohemia se liga aos grandes pensadores francezes.»

Desde então a lucta dos tcheques contra os allemães não cessou, somente foi modificada no seu antagonismo para com a dynastia dos Habsburgos.

No concilio de Constança, João Hus foi tambem arguido sobre as suas idéas politicas em relação á Bohemia. Elle expressou a sua opinião com ousadia. Como a França, a Allemanha e outros paizes tinham a sua independencia, elle entendia que o mesmo direito assistia á Bohemia. São estas as suas palavras então: «Dixi et dico quod Bohemi deberent esse primi in regno Bohemiæ, sicut et Francigene in regno Franciæ et Teutonici in terris suis, ut Bohemos scire dirigere subditos suos et Teutonicos Teutonicos».

André Broda, conego de Praga, perguntou-lhe: «O Hus, non est aliquis nobis in facto isto liberator?» Hus replicou: «Spero quod habebimus liberatorem. Ecce ego sum quasi in morte; si ergo moriar, rogo instetis pro justitia et liberatione nationis nostræ».

Um mez decorreu desde o terceiro comparecimento de Hus perante o tribunal. No intervallo, o cardeal Zabarella e outras pessoas fizeram todo o possivel a ver se elle se retratava.

Surgiu afinal o dia 6 de julho, dia em que o reformador fazia annos. Pela ultima vez, comparece perante o Concilio afim de ouvir a sua sentença — *Alea jacta est*.

Foi imponente a decima quinta sessão do Concilio de Constança, honrada com a presença do imperador, de principes e altos dignitarios, de patriarchas, arcebispos, bispos e sacerdotes. O arcebispo de Riga foi em pessoa conduzir o prisioneiro perante a Assembléa. Celebrava-se a missa, mas a os recem-vindos tiveram de ficar da parte de fóra. Os mysterios sagrados não poderiam ser profanados com a presença do grande heresiarcha.

Subiu então ao pulpito o prégador da solennidade, Tiago Arigoni, bispo de Lodi, da ordem dominicana.

Em uma plataforma elevada, foi collocado João Hus, para que os circumstantes para elle dirigissem os seus olhares.

O *cliché* de hoje illustra o episodio. O bispo de Lodi escolheu por thema as palavras de S. Paulo — «Para que o corpo do peccado seja destruido» (Rom. 6: 6). Fallou com tal vehemencia sobre o schisma como fonte de heresias, assassinios, fraudes, etc., que se poderia imaginar—observa o historiador Leufant — que o dominicano emprazava o imperador a enviar ás chammas, não o reformador, mas os dois anti-papas Gregorio e Benedicto. Comtudo, apontando para João Hus, dirigiu-se a Sigismundo, perorando: «Destrui os os erros e as heresias, mas principalmente este obstinado herege»!

Vicente Themudo.

«O Padre, o Philosopho e o Advogado»

Avisamos aos interessados que já está sendo composto em nossa typographia este interessante folheto de combate. Vamos editar cinco mil exemplares e esperamos promptos pedidos de nossas egrejas do interior.

Invasão Pentecostista

V

Ficou demonstrado que não ha distincção entre o baptismo do Espirito Sancto e sua obra em nós, mas que esse baptismo e essa obra são uma e a mesma coisa.

Apenas temos de decidir entre a auctoridade apostolica e os pentecostistas. S. Paulo diz que somos salvos pelo baptismo de regeneração e renovação do Espirito Sancto. Tito 3: 5. Os pentecostistas, porém, affirmam que somos salvos sem esse baptismo. E não se diga que estamos inventando um outro salvador além de Jesus, ou fazendo confusão entre a obra de Christo e a do Espirito. O que demonstramos é que apesar de ter o Filho de Deus feito a salvação nos braços da cruz, comtudo esta não aproveitaria ao peccador sem a obra do Espirito. Além disto, ninguem esqueça que Jesus mesmo é o que baptiza com o Espirito Sancto. Mat. 3: 11; Marc. 1: 8; Luc. 3: 16; João 1: 33.

Portanto, quando a Palavra de Deus diz: «...nos salvou pelo baptismo de regeneração e renovação do Espirito Sancto», não quer dizer que o Espirito é um outro salvador, mas que alcançando Jesus da parte do Pae a promessa do Espirito, o derramou sobre seus discipulos, para que completasse nelles a obra iniciada quando, durante o seu ministerio, o Espirito levava aos seus corações a Palavra prégada.

O que faltava aos discipulos era o renascimento; elles, espiritualmente fallando, já estavam gerados. No dia em que o Espirito foi derramado, renasceram. O Salvador, alludindo ao Espirito que seus discipulos haviam de receber, diz: «Naquelle dia conhecereis vós que eu estou em meu Pae, e vós em mim, e eu em vós.» João 14: 20 Porque é que só naquelle dia conheceriam elles isto?

Certamente porque nelles ainda não estava completa a obra do Espirito; ainda não estavam completamente esclarecidos. Para ver isso basta observar a experiencia apostolica antes e depois do Pentecostes. No principio do ministerio de Christo os discipulos eram enthusiastas e admiradores de tudo o que Jesus fazia.

Depois, quando Elle foi rejeitado e lhes falla da sua morte e resurreição, elles se revelaram inteiramente ás cegas, sem comprehenderem coisa alguma.

Simão, apesar da confissão que fez de que Jesus era o Christo, o Filho de Deus vivo, mais tarde foi tão fraco que o negou, por trez vezes, até com juramento. Na prisão do Mestre divino todos o abandonaram. Quanto á resurreição, foram muito incredulos, sendo preciso que o Salvador caridosamente se submettesse ao exame dos sentidos delles.

Convencidos da resurreição, não obstante o goso que sentiam, eram medrosos conservando-se numa casa de portas fechadas. João 20: 19.

Tudo isto indica que a obra nelles ainda não estava completa. Vejamos, porém, como o scenario muda depois do Pentecostes!

Após o derramamento do Espirito, os apostolos nada mais temem; estão cheios de um goso indescriptivel, de sorte que nem os açoites, nem as prisões, nem a morte os faziam recuar.

Além disto, o apostolo não qualifica o baptismo do Espirito, denominando-o de regeneração e renovação? Estes dois termos querem dizer: restauração, renascimento, renovar, reformar, etc. E não é isto mesmo o que o Espirito Sancto faz na creatura que acceita Christo o Salvador? A obra do Espirito no peccador é desde a convicção do peccado e do seu estado de condemnação até o renascimento.

E' a esta obra que S. Paulo denomina de — *baptismo de regeneração e renovação do Espirito Sancto.* Ora, o acto de regenerar e renovar não foi só na occasião de o Espirito ser derramado, mas na sua divina operação, convencendo do peccado, operando o arrependimento que conduz a vida, a fé pela qual é imputada a justiça de Deus e, finalmente, o renascimento e sua morada entre nós. As escripturas, pois, que parecem estabelecer a distincção entre o baptismo do Espirito e sua obra em nós, teem de ser explicadas pela passagem de S. Paulo a Tito 3: 5.

As passagens que parecem mais fortes para sustentar a distincção referida são as duas seguintes: «Arrependei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Christo, para remissão de vossos peccados, e *recebereis o dom do Espirito Sancto* » Act. 2: 38. «*Recebestes o Espirito Sancto quando crestes?*» Act. 19: 2.

Estas escripturas, porém, em vez de demonstrar a pretendida distincção, fazem depender do baptismo do Espirito Sancto ou novo nascimento, a salvação do crente. Jesus ensina isto com toda a clareza quando diz: «Quem não renascer da agua e do Espirito Sancto, não póde entrar no reino de Deus».

E só assim se comprehende a solicitude apostolica em impor as mãos e orar para que o Espirito fosse recebido pelos que ainda não o possuiam.

Receber, pois, o Espirito Sancto era uma das provas de que o crente estava realmente salvo.

Natal, 25—3—1919.

M. MACHADO.

A paixão de Christo

Ai! ai! morreu o bom Jesus,
Meu soberano, meu Senhor;
Quiz Elle a tudo se entregar,
Por mim tão pobre peccador!

Acaso assim soffreu na cruz
Por culpas mil que eu commetti?
Oh! misericordia sem igual!
Assim soffreu Jesus por mi!

Bem fez o sol em occultar
Nas trevas o seu esplendor,
Quando por mãos crueis morreu
Jesus, do mundo o Redemptor!

Oh! vae minha alma lamentar
Tua parte nessa maldicção;
Os teus peccados vae chorar,
E desfazer-te em gratidão

Mas nem suspiros e nem ais
O mal teu podem expiar:
Só em Jesus ha remissão
Para quem n-Elle confiar.

J. T. Houston.

RELATORIO

Da Sociedade Auxiliadora de Irmãs da Egreja Presbyteriana Independente de São Paulo, lido na Assembléa Geral realizada em 14 de janeiro de 1919.

Prezadas Irmãs e Consocias:

Em obediencia á determinação dos nossos Estatutos, venho apresentar-vos o segundo relatorio annual desta Sociedade, acompanhado dos relatorios das diversas commissões e do Balanço referente ao exercicio financeiro de 1918.

Eleita em fevereiro para dirigir os seus destinos durante esse anno, tive como auxiliares as seguintes irmãs: D. Cacilda de Cerqueira Leite, vice-presidente; D. Julieta Santos, thesoureira; D. Jenny Camargo e D. Elisa de Barros, respectivamente 1.ª e 2.ª secretarias. Creou-se o cargo de procuradora, tendo sido occupada pela nossa irmã D. Anna do Couto Esher.

A nossa vida social decorreu sem incidentes, graças a Deus, tendo sido realizadas com toda a regularidade as reuniões mensaes, notando-se no desejo de consagração o espirito de verdadeira união e amor fraternal.

Infelizmente apenas cinco irmãs entraram para o quadro social, contando actualmente 50 socias, numero assaz diminuto em relação ao crescido numero de membros da Egreja, do qual dois terços representam senhoras. Estas não ignoram, por certo, os seus fins:—auxiliar a Egreja na evangelização e educação, no fortalecimento do Reino de Nosso Senhor Jesus Christo, na practica da beneficencia e fraternidade por meio de constantes orações, meditação da Palavra de Deus, trabalhos, etc.

A todas as senhoras que sem motivos justos se afastam deste grande dever e privilegio, lembro as palavras de S. Paulo em Cor. II—V: «porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Christo, para que cada um receba segundo o que tiver feito no corpo, ou bem ou mal. E, quando a nossa casa terrestre se desfizer, temos de Deus um edificio, casa não feita por mãos, eterna nos céos. Seremos revestidos da nossa habitação, que é do céo, se todavia formos achados vestidos e não nus».

A Commissão de Trabalhos não agiu este anno, como era de esperar, devido á alta dos preços das fazendas, e por haver sido adoptado o novo systema de não termos mais capital em caixa. Entretanto, foram vendidas particularmente costuras no valor de Rs.... 55$700, e cortadas 21 peças.

A Commissão de Visitas, devido á lucto, doenças nos membros das familias que a compõem, e á epidemia que reinou, fez apenas 8 visitas a varias irmãs enfermas.

A Commissão de Festejos, a cargo de varias senhoritas, incumbiu-se dos arranjos do salão social para as festas, tendo se esmerado nos mesmos e na organização dos programmas.

Finalmente, resta ler-vos o movimento da Caixa:

RECEITA

Saldo da gestão anterior até 31 de janeiro deste anno	763.400
Recebido de mensalidades durante o anno.	850 000
Producto de chás e kermesses	1:297.000
» de offertas e doces	75.600
» de costuras.	55.700
Devolução de talentos e lucros.	83.000
Subscripção para o concerto do piano. . .	33.000
Total . . . . Rs.	3 157.700

DESPESAS

Pela contribuição mensal á Egreja, tendo sido elevada a Rs. 40.000 mensaes de abril em deante.	580.000
Entregue á Egreja, producto do chá em 12 de dezembro de 1917	205 000
Entregue á Egreja, 50 % do saldo em Caixa	169.200
Entregue ao «Estandarte»	414.900
Auxilio á Collecta de maio.	50.000
Idem á Collecta de 31 de julho de 1918. .	400.000
Idem para o concerto do piano. . . .	100.000
Idem aos pobres da Egreja.	40.000
Idem á Egreja de Agudos	50.000
Donativo á Egreja da Bella-Vista (chá e kermesse).	765.000
Auxilio ao Seminario	150.000
Diversas compras e despesas (talentos, cartões, copos para sorvetes, etc.) . . .	42.000
Auxilio ás victimas da epidemia . . .	50 000
Total . . . . Rs.	3:016.100
Saldo em Caixa nesta data . Rs.	141.600
Rs.	3:157.700

S. E. ou O.

Como vêdes, o movimento foi de Rs. 3:157.700 contra Rs. 1.914.400 do exercicio passado. Acha-se, pois, em franco progresso a nossa sociedade. Que Deus a abençoe neste modesto trabalho, fazendo com que elle cresça cada vez mais e encontre sympathia entre todas as irmãs de nossa Egreja, são os votos e a supplica constante desta humilde serva

A Presidente,
ALIETTE FERREIRA PIRES.

S. Paulo, 14 de janeiro de 1919.

PELA SEARA INDEPENDENTE

Semeando e segando

Mogy Mirim.—Iniciando a visita que fiquei encarregado de fazer no campo do Rev. Orlando Ferraz, passei com os irmãos deste logar o domingo 16 de março. Préguei de manhã e á noite a auditorios compostos quasi só de crentes. A escola dominical está em bom pé sob a dedicada superintendencia do irmão prof. Eduardo Pereira Gouvêa. Este irmão e sua boa mãe, nossa irmã D. Analia Pereira, foram meus amaveis hospedeiros.

Poços de Caldas.—No dia seguinte, 17 de março, fui a Poços de Caldas, onde me aguardava com a sua sempre bondosa hospedagem o irmão Honorato de Oliveira. A convite dos irmãos methodistas, préguei na sua sala de cultos, recebendo, na occasião, por profissão de fé e baptismo, as irmãs Honoria Borges e Emilia da Silva Moraes e ao irmão Firmino Rieling, já baptizado na infancia. Os independentes deste logar, que teem vivido como hospedes dos irmãos methodistas, estão agora resolvidos a ter o seu culto á parte. A presença do intelligente irmão Sr. Julio de Carvalho, que ali está agora residindo, muito concorrerá para o bom exito desta resolução. O irmão Sr. José Ferreira da Costa, importante fazendeiro, que actualmente reside a umas trez leguas de distancia, está pensando em mudar-se para Poços e agir promptamente com o irmão Honorato, para levantarem um templo.

Estimulei os irmãos a este importante emprehendimento e espero ver logo uma florescente congregação nossa neste logar.

No dia 18, acompanhado pelos irmãos Honorato de Oliveira, sua sobrinha Honoria Borges e pelo irmão Manassés Ferreira e D. Dolores Ferreira, filhos do Sr. José Ferreira da Costa, fui á fazenda do Maranhão, propriedade e residencia deste irmão. A' noite préguei a Palavra de Deus, administrei a communhão e recebi em profissão a irmã D. Maria de Oliveira Costa, filha do Sr. José Ferreira da Costa e já baptizada na infancia.

O irmão José Ferreira entregou-me 200$000 para pagar o que deve ao «Estandarte» e o restante para outros fins da causa. Sua esposa D. Maria Helena da Conceição entregou-me tambem 23$000 para as Missões.

Palmeiras.—No dia 19, deixando o bom agasalho da fazenda Maranhão, parti sob uma chuva persistente e fria para este logar.

Ante a tenaz opposição do tempo e pessimo estado dos caminhos, julgaram os irmãos de Palmeiras que eu não viajaria. Enviaram-me todavia conducção a Poços pensando que lá estaria a esperá-la. Sabendo que eu tinha ido á fazenda Maranhão, voltou a conducção com a noticia de que eu, provavelmense, só de torna-viagem chegaria a Palmeiras. Ao anoitecer, porém, batia eu á porta do bondoso amigo Sr. Saturnino Vieira, que me deu amavel hospedagem. No dia 20, apesar da chuva, e o terrivel lamaçal que se tinha de enfrentar desde a porta da rua, tivemos culto ao meio dia e á tarde. Muitos dos irmãos não puderam comparecer. Tivemos a communhão e fez sua profissão o Sr. Franklin de Padua Ribeiro, baptizado na infancia, e foi baptizada a menor Iracema, filha do mesmo irmão.

Exhortei os irmãos sobre o dever de contribuirem com o dizimo para a Casa de Deus e quasi todos os que estavam presentes se comprometteram a cumprir esse dever daquella data em deante. Encarreguei a um dos irmãos de ser o procurador e a thesouraria ficou a cargo do Sr. Saturnino Vieira. Organizei tambem uma rudimentar escola dominical para ensinar o cathecismo ás creanças. Da direcção da escola, bem como dos cultos publicos, ficou encarregado o irmão Joaquim Limão. Ha neste logar cerca de 40 crentes professos que, segundo o meu juizo, podem ser constituidos em egreja. Os irmãos são piedosos e desejam progredir, conforme ficou manifesto no energico appello que fizeram ao Presbyterio, na sua ultima reunião. Organizados em egreja, poderão não só pugnar, de modo regular, pelos seus direitos, mas verão com seus proprios olhos a boa vontade e as difficuldades do concilio.

Botelhos—No dia 21, ainda sobre feios lamaçaes e com alguma chuva, cheguei a S. José dos Botelhos. Hospedou-me o velho amigo e irmão Sr. Julio Olyntho que, com sua amavel esposa e amavel filha, tudo fizeram por me rodear de conforto.

A' noite tivemos culto com prégação da Palavra e cammunhão.

Devido a uma forte pancada de chuva que cahiu na hora do culto, a reunião foi pequena. No dia seguinte, antes de partir para a fazenda do Pinhal, séde da egreja do Campestre, visitei os irmãos de Botelhos. De D. Ordalia Vieira recebi para a causa 110$000 de dizimos e 50$000 como offerta, e de D. Francisca Vieira a offerta de 5$000.

Pinhal.—Em companhia do dedicado presbytero Sr. Severo Franco, que foi encontrar-me em Botelhos, cheguei á sua fazenda do Pinhal, no dia 22. A' tarde desse dia, sabbado, passei em visita a varios irmãos. No domingo, 23, tivemos boas reuniões de manhã e á tarde. Professaram a fé duas pessoas, celebrou-se a Sancta Ceia e foram baptizadas diversas creanças. Recebi aqui, para varios fins, duzentos e tantos mil réis. Neste logar, que é para mim de gratas recordações, fui hospedado em casa do irmão José Olympio Franco que com sua boa esposa D. Nené me cumularam de attenções e conforto.

Serra Negra.—Para a fazenda deste nome, de propriedade do irmão Isaltino Franco, filho do presbytero Severo e meu antigo alumno de primeiras letras, parti no dia 24 em companhia do irmão Severo e seus amaveis filhos Vespasiano e Isaac.

Depois de um dia de asperos caminhos, foi um prazer chegar, á tarde, ao lar gasalhoso deste irmão. No dia seguinte, ao meio dia, tive o privilegio de inaugurar um templo que os irmãos acabavam de construir.

Préguei o Evangelho a um grande auditorio, muitos de cujo numero eram alheios ao nosso credo. Administrei a communhão e baptizei trez creanças. Encarreguei o irmão Isaltino da direcção regular dos cultos e aos irmãos Ismael Nogueira e Samuel Pereira de ensinar, em duas classes, o cathecismo ás creanças.

(Continúa).

Alfredo Teixeira.

Cartas Sorocabanas

II

Segundo combinação prévia, no dia 15 de fevereiro embarquei para Conchas, no comboio que trazia de S. Paulo o Rev. Alfredo Ferreira, acompanhado da familia. Embarcados, a viagem era nossa. Junctos protestámos contra a poeira que a Sorocabana levantava do leito para afogar a uma os carros com os passageiros. O tempo se passou e ao meio dia desembarcavamos em Conchas. Diversos irmãos nos cercaram de attenções, guiando-nos ao hotel. Almoçámos. Algum tempo depois, o Rev. Ferreira, deixando a familia, seguia comigo para Bella Vista. O sol ardia que tostava. A nossa conversação, temperada com as ingenuidades do João de Moraes, nosso guia, attenuava as fragoas da viagem. Imagine se, por exemplo, que elle desejava saber se as filhas de Lot eram só baptizadas na egreja ou se já eram professas e se foram suspensas da communhão, pelo peccado que commetteram!

O riso explodiu, nem era para menos. E entre risos é que foi esclarecido sobre o assumpto. Assim avançámos na estrada, esquecendo um pouco a prosa, outro pouco entrando nella. E o sol desceu e já mergulhava no ocaso, quando se nos descobriu ao olhar, uma villa assentada sobre uma collina—era Bella Vista. A' noite eu préguei, reservando-se o meu collega para o culto do meio dia de domingo, dia 16. Trabalhou no dia seguinte a sessão. O novo pastor prégou de dia. Houve Sancta Ceia. A' noite me despedi. Como de costume, as reuniões foram bem concorridas.

Segunda feira, reiteradas as providencias, de sabbado sobre casa para o pastor residir e a conducção para a familia, regressámos a Conchas. Da villa, o Rev. Ferreira trazia impressão pouco lisongeira, mas da egreja, as melhores possiveis. Era o essencial.

Pela tarde desse dia me achava em casa.

Sorocaba, abril de 1919.

F. Pereira Junior.

Manoel Pereira Barbosa

Já não existe mais para este mundo o piedoso irmão cujo nome encima estas linhas. O Senhor Jesus chamou-o para o seu descanso, deixando-nos saudosos pela sua ausencia. Uma lesão cardiaca, que ha muito o vinha minando, o prostrou desta vez, na noite de 4 do corrente. Faz-nos falta o dedicado e fiel discipulo do Senhor, que gosava de toda a sympathia desta Egreja. Sempre prompto para o serviço que lhe era indicado e sempre alegre para com todos ! Recebeu elle a agua do baptismo das mãos do Rev. Vicente Themudo aos 30 dias do mez de julho de 1905, e desde que entrou para a Egreja de Jesus, o seu principal ideal foi attrahir, na medida de suas forças, almas a Christo. A Sociedade Auxiliadora de Evangelização, que o teve no numero dos membros da commissão que trabalha nas congregações desta Egreja, muito perdeu com a sua morte, pois em todos os logares que elle visitou, gosava de sincera estima. Inimigo sincero de todos os vicios e divertimentos mundanos, que tanto teem attrahido os membros das Egrejas de Christo nestes ultimos dias, bem prova que o seu reino não era deste mundo. Sua morte que causa inveja a qualquer, muito consolou a sua estimada familia e toda a Egreja.

Comprehendendo elle que sua hora era chegada, pediu á sua esposa e ao irmão Tristão, seu velho amigo, que lhe cantassem os hymnos 30, 140 e 234. Elle acompanhava satisfeito, dizendo-lhes que ia morar com Jesus. Ao choro de sua senhora, dizia que não chorasse, que Jesus ia com elle e ao mesmo tempo ficava com ella para amparál a ; e dizendo : «deixo este mundo de vaidades e miseria, vou com Jesus», expirou ! Sobre seu caixão foram depositadas duas corôas, uma de sua esposa, filha, genro e neta, e outra em lembrança da Sociedade Auxiliadora de Evangelização. Officiou tanto em casa como no cemiterio o presbytero Antonio Brito Sant'Anna. Deus queira nos conceder uma morte tão bonita como a do irmão Barbosa.—Amen.

Bebedouro, 7—4—919.

Joaquim Martins Evangelista.

REGISTRO

Enferma Acha-se bastante enferma nesta capital, nossa irmã D. Idalina de Camargo, esposa de nosso irmão Major João do Amaral Camargo. Em seu favor pedimos as orações dos irmãos.

Fallecimento Deu-se em Assis, a 28 de março, o passamento da menina Else, filhinha dos irmãos Luiz Gonzaga de Oliveira e D. Maria Antonia de Oliveira. Nossas sympathias.

Nascimentos Evandino é o nome do pequenino que surgiu em Bauru, a 7 do corrente, enchendo de alegria o lar de nosso irmão Olympio Baptista de Carvalho.

— Nesta capital, a 5 do corrente, nasceu o pequeno Miguel, filho de nossos irmãos Antonio Pinto Moreira e D. Maria Fiori Moreira.

— Em S. João da Bocaina, nossos irmãos Hugo Peetz e D. Maria Rangel Peetz foram presenteados com uma filhinha de nome Alzire.

— Em Jahu nasceu o pequeno Agenor, filho de David Ferreira de Camargo e D. Antonia Gomes de Camargo.

Parabens.

FACTOS E NOTICIAS

Pleito presidencial.—Feriu-se no dia 13 o pleito presidencial em todo o paiz, sahindo eleito, como era de prever, o illustre Dr. Epitacio da Silva Pessoa, candidato official e embaixador do Brasil na Conferencia da Paz em Versailles.

O candidato da opposição, Conselheiro Ruy Barbosa, obteve, comtudo, boa votação devido á sua reconhecida popularidade.

Publicações.—O nosso dedicado irmão professor Evonio Marques, presbytero da Egreja do Rio de Janeiro, acaba de publicar mais um util folheto, intitulado «O Soldado Christão». Desta sorte, o nosso irmão vae pondo a juros o talento que recebeu do seu Senhor.

Gratos pelo exemplar recebido.

—Em nossas officinas acabam de ser impressos os Estatutos da Egreja Presbyteriana Independente de S. Paulo, reformados em assembléa geral de 28 de janeiro de 1918.

A. C. M. de S. Paulo. — Esta Associação organizou uma serie de trez conferencias sobre motivos religiosos, para os dias 17, 18 e 19 do corrente, tendo inicio ás 7 1/2 horas da noite. Será orador o Rev. Bento Ferraz, fallando respectivamente sobre a Agonia, a Paixão e a Resurreição de Jesus.

—Para o dia 21, segunda-feira, feriado nacional, a A. C. M. está organizando uma excursão á praia do Guarujá. Estão á venda desde já na Secretaria á Praça da Republica, 50, os bilhetes para esta excursão.

Mortos illustres.—No Rio de Janeiro, a 21 de março p. passado, aos 59 annos de edade e em vesperas de ser promovido a general de brigada, falleceu o coronel Dr. Manoel Luiz de Mello Nunes, chefe da commissão constructora do campo de manobras.

O illustre cearense tinha o curso de engenharia pelo regulamento de 1874 e era bacharel em mathematica e sciencias physicas. Official distincto pela sua honradez e pela sua alta competencia profissional, exerceu innumeras commissões, destacando-se entre ellas—a de construcção da fortaleza da Lage, em que teve a valiosa collaboração do nosso saudoso amigo Dr. José de Maria Borges ; a da fortificação do Amazonas e a de limites do Brasil com a Venezuela. Seu enterro foi muito concorrido, tendo-lhe sido prestadas as honras funebres militares pela 6ª. brigada de infanteria.

Naquella mesma capital deu-se, a 29 do referido mez, o passamento do Sr. almirante Lamenha Lins.

Contava 58 annos de edade. Era um dos officiaes mais illustres da Armada nacional. A sua fé de officio é brilhante pelos inestimaveis serviços prestados ao paiz.

Foi sepultado com todas as honras militares inerentes ao seu elevado posto.

S. João da Bocaina. —Nesta egreja foi organizada uma Sociedade Auxiliadora de Propaganda Evangelica com 17 socios, tendo a seguinte directoria : Presidente, Octavio da Silveira Martins; secretario, Hugo Peetz; thesoureiro, Sebastião da Silveira Martins; procurador, Joaquim da Silveira Martins

O fim da sociedade é trabalhar na propaganda evangelica naquella cidade com folhetos, boletins para conferencias e auxiliar os prégadores em suas viagens, etc.

Piraju.—O nosso irmão Fidelis Baroni relata-nos mais uma visita sua a Sarutayá, onde correu o boato propalado pelo padre de que uma protestante moribunda se confessara. O nosso irmão averiguou que a pessoa em questão se achava soffrendo das faculdades mentaes. Aproveitando o ensejo, o nosso irmão dirigiu uma reunião evangelica naquelle local, tomando por thema Math. 14. 25-32. Pedem-se orações em favor do trabalho realizado.

Santa Rosa.—Nesta congregação, em janeiro, o Rev. Orlando Ferraz recebeu por profissão de fé as seguintes pessoas: Carmen Pinheiro, Umbelina Pinheiro, Emilia Wiezel, Julia Wiezel, Modesta Wiezel e Adriano Wiezel. Baptizou os menores: Carlos e Yolanda, filhos de Adriano Wiezel e Julia Wiezel; Otilia, de João Wiezel e Maria Negrão.

Liga Evangelica Nacional. — Recebemos o terceiro artigo desta serie, mas, por falta de espaço neste numero, dá-lo-emos no proximo.

Obras de controversia romanista. — Temos á venda: «O convento desmascarado», 2$; «O protestantismo é uma nullidade», por E. C. Pereira, 400 réis; «Refutação ás conferencias do Padre Julio Maria», pelo Rev. Alvaro Reis, 1$, «Innovações do Romanismo», 2$500 e 3$500; «Josepha e a Virgem», 1$ e 1$800; «A Confissão», por L. de Sanctis, 1$. O porte é contado á parte. Pedidos a V. Themudo—Caixa 1242—S. Paulo.

Collegio Evangelico.—Nos exames de admissão ao Gymnasio do Estado, procedidos nos ultimos dias, conseguiram matricular-se no primeiro anno daquelle estabelecimento os seguintes alumnos do nosso collegio: Arthur de Moraes Fonseca, Jesé Paranhos e Ranimiro Nogueira Lotufo.

—Como nos annos anteriores, temos, em nosso Collegio, classes para admissão ao curso do 1º e 2.º anno do Gymnasio, a cargo de professores habilitados.

Sociedade Auxiliadora de Irmãs.—Realizou-se, no dia 8 do fluente, ás 7 1|2 da noite, no local do costume, com o comparecimento de 19 socias, a reunião mensal ordinaria desta sociedade.

Foram indicadas e acceitas como socias as irmãs DD. Carlinda Amaral, Brazilia Seyde e Romilda C. Leite do Amaral.

Ficou resolvido prestar-se um auxilio de 50$000 a um irmão que se acha doente e necessitado.

Assumptos de oração:—pela paz na Europa; pelas irmãs auxiliadoras; para que as conferencias na Semana Sancta tenham grande expansão, com satisfactorio resultado; para escolha do novo Presidente. As offertas e contribuições foram de 47$100.

O conflicto entre catholicos e orthodoxos.—Accentua-se, cada vez mais, no Oriente, segundo telegramma de Roma, o conflicto entre os catholicos e os orthodoxos.

Os jornaes atacam o Vaticano, por pretender reivindicar a Egreja de Santa Sofia para a Egreja Romana.

O metropolita, durante as ceremonias religiosas na Cathedral de Athenas, qualificou a reivindicação de Santa Sofia, por parte do Vaticano, como anti-christã e como uma nova guerra contra a Egreja orthodoxa. Queixou-se de semelhante politica hostil quando de todos os lados se procura crear relações affectuosas entre varias Egrejas. O Vaticano, que assistiu com indifferença aos crimes practicados pelos allemães, turcos e bulgaros, pede agora soberania sobre o Templo do Sancto Sepulcro e a Basilica de Bethlem, a propriedade da Egreja de Santa Sofia, sanctuario pan-hellenico.

A pretenção do Vaticano é abominavel, por ter sido apresentada com a esperança não de obtê-la, e sim para impedir que seja entregue aos gregos, preferindo que ella fique em poder dos turcos.

Esforço christão.—Escreve-nos o irmão Mario Pinto de Souza Neves, secretario geral da União Brasileira de Esforço Christão:

«Os membros da Juncta Nacional da União Brasileira de Esforço Christão sentir-se-ão muito penhorados se puderdes dar um cantinho do querido jornal para a carta abaixo dirigida aos irmãos secretarios correspodentes das Sociedades de Esforço Christão e aos esforçadores em geral:

Durante algum tempo deixamos de manter a secção que tinhamos no «Puritano» e «Norte Evangelico» devido o não ser possivel contentar a todos quantos nos honram com as suas missivas cheias de boas noticias, e especialmente o não ser viavel a publicação das mesmas em todos os jornaes evangelicos.

Esta semana, para attender aos appellos que nos teem sido dirigidos, recomeçamos esse trabalho fazendo antes um appello afim de que não continuemos nessa dependencia por muito tempo que sobretudo tira de certo modo o caracter da nossa aggremiação interdenominacional.

Estas linhas teem, pois, o fim de tornar mais extensivo o nosso appello, para o qual tomamos a liberdade de pedir toda a vossa attenção.

Comprehendendo que uma das mais urgentes necessidades do Esforço Christão no Brasil é ter o seu orgam official, como teve na decada aurea de sua vida, vimos mais uma vez tornar publico esse nosso pensamento, rogando a todos que se interessam pelo desenvolvimento do Esforço Christão um esforço no sentido de cooperar para que, dentro do prazo mais curto, façamos reapparecer o «Esforço Christão».

Vossa cooperação, de todo imprescindivel, consistirá em agenciar assignaturas. Agenciae, pois, amigos correspondentes, assignaturas pagas de 3$000 para o nosso orgam official—«O Esforço Christão» a reapparecer logo que tenhamos os recursos necessarios.

Procurae, amigos, os socios da vossa Sociedade, activos, filiados, honorarios e correspondentes e na vossa campanha empregae esforços para alcançar pelo menos mais de metade dos socios. Tomae nota dos nomes e endereços de todos que attenderem, e, quando tiverdes conseguido o maximo, fazei a remessa endereçando a—Mario Pinto de Souza Neves, a cargo de quem ficará a remessa do mesmo mensalmente, com oito paginas.

E notae que «O Esforço Christão» precisa reapparecer para integralizar nossa aggremiação que tem como base prometter tudo fazer, com oração por Christo e pela Egreja, n-Elle confiando e esperando receber d-Elle as forças necessarias.

Anciosamente aguarda resposta o vosso, em Christo.—Atto. irmão e amigo.—*Mario Pinto de Souza Neves*, secretario geral—Rua Presidente Wilson, 15—Rio».

Conferencias evangelicas. — Conforme noticiámos, estão sendo realizadas conferencias evangelicas todas as noites em nosso templo á rua 24 de Maio, 48, e no da Bella Vista. Está sendo obedecido o seguinte programma:

RUA 24 DE MAIO

Domingo, 13, ás 12 h.: «A Entrada Triumphal em Jerusalém»—Rev. Eduardo Carlos Pereira.

Domingo, 13, ás 19 h. 30: «A Lamentação sobre Jerusalém»—Rev. Epaminondas M. do Amaral.

Segunda, 14, ás 19 h. 30: «A Figueira Amaldiçoada»—Rev. Eduardo Carlos Pereira.

Terça, 15, ás 19 h. 30: «O Discurso Prophetico»—Rev. Epaminondas M. do Amaral.

Quarta, 16, ás 19 h. 30: «O Pacto da Traição»—Rev. Eduardo Carlos Pereira.

Quinta, 17, ás 19 h. 30: «A Paschoa e a Eucharistia»—Rev. Epaminondas M. do Amaral.

Sexta, 18, ás 19 h. 30: «A Cruz do Calvario» — Rev. Eduardo Carlos Pereira.

Sabbado, 19, ás 19 h. 30: «Christo Morto»—Ex-padre Ricardo Mayorga.

Domingo, 20, ás 12 hs.: «A Resurreição»—Rev. Eduardo Carlos Pereira.

Domingo, 20, ás 19 h. 30: «As Consequencias da Resurreição»—Rev. Epaminondas M. do Amaral.

TEMPLO DA BELLA VISTA

Domingo — 13 — Rev. Alfredo do Valle.
Segunda — 14 — Rev. Onofre Di Giacomo.
Terça — 15 — Dr. Waddell (Director do Mackenzie).
Quarta — 16 — Rev. Baldomero Garcia.
Quinta — 17 — Ex-padre Ricardo Mayorga.
Sexta — 18 — Dr. Waddell.
Sabbado — 19 — Rev. V. Themudo.
Domingo — 20 — Rev. V. Themudo.

Queira o Senhor abençoar esse esforço.

"O Estandarte" nas cadeias. — Depois de Brotas e Rio Preto, chegou a vez de Santos e Piracicaba. Da primeira encarregou-se a Escola Dominical de nossa egreja ali; pela segunda se responsabilizou nossa irmã D. Ernestina da Rocha Ferreira. Muito bem!

Congregação do Braz—Urge appellar aos irmãos para que nos auxiliem pecuniariamente na manutenção de nosso trabalho neste bairro. A nossa situação vae se tornando difficil e afflictiva, e oxalá haja irmãos conscienciosos e interessados sinceramente pelo progresso do Evangelho do Senhor Jesus, que de boa vontade se dignem, com prazer, remetter ou entregar qualquer importancia ao thesoureiro, que será recebida com alegria e gratidão.

Não podemos deixar de mencionar mais que a nossa Escola Dominical tem tomado um caracter promettedor, porém ha falta de recursos para mais desenvolver este precioso trabalho e mante-lo firme, e para que possamos dispor dos meios mais adequados, afim de alegrar os pequeninos, dar emphase a tão magno esforço e incutir no espirito delles as preciosidades do Evangelho, attrahindo-os mais e mais para Christo.

Além disso, precisamos manter um meio de propaganda, o qual, nos parece, só poderemos sustentar e desenvolver mediante recursos que até agora nos teem faltado.

Comprehendeis, por certo, a nossa necessidade, e outras mais que, para não nos extendermos longamente, prendendo a vossa benevola attenção, deixamos de mencionar agora. E' de se suppor que não olvidareis o nosso appello e promptamente, sem poupardes esforços, vos alistareis como contribuintes para a manutenção deste importantissimo trabalho, para honra e gloria do Altissimo.—S. Paulo, 2 de abril de 1919.—O thesoureiro, *Alvaro Magalhães*—Rua da Moóca, 327—Caixa Postal, 1734—S. Paulo.

Templo de Jacarézinho. — Quantia publicada no «Estandarte» n.º 10 1:558$400, março 10 (collecta) 12$300, março 16 (collecta) 5$000, João Candido Junior, offerta, 10$000, março 23, (collecta) 7$900, março, 30 (collecta) 7$500, Anna Teixeira de Souza, offerta, 2$000, João Anthero de Souza, offerta, 20$000, resultado dos esforços das irmãs Benedicta da Silveira, Ottilia de Silus e Maria André 39$000. Total 1:662$100. A commissão organizadora pede a todos os irmãos que nos quizerem ajudar nesta construcção que o façam com qualquer donativo, e seja enviado pelo correio ao thesoureiro João Anthero de Souza. Jacarézinho, Estado do Paraná—Via Ourinhos, Linha Sorocabana.

Templo da Bella Vista. — José Domingues Corrêa, capital, 50$000, Affonso De Vincentis, idem, 3$000. Total 53$000.

Esta quantia foi entregue ao thesoureiro Antonio Pinto Moreira, havendo sido até hoje entregue a importancia de . . . . 836$500.

Qualquer quantia póde ser enviada ao Rev. V. Themudo—Caixa 1242 — S. Paulo.

Rio Preto. — Desta localidade escreve-nos o nosso irmão Francisco de Paula Vieira:

«Tivemos o privilegio de receber uma visita pastoral do nosso muito amado pastor Rev. Thomaz Pinheiro Guimarães, que veio nos confortar com a prégação da Palavra de Deus. Foi baptizada então a menina Clotilde, filha dos nossos irmãos Francisco de Paula Vieira e D. Maria Melentina de Oliveira. Professaram tambem os irmãos José Olegario de Paula e Antonio Luiz de Oliveira, baptizados na infancia».

Esforço Christão. — Damos em seguida os topicos para meditação e oração em maio proximo:

Domingo 4 — Nossa relação para com Deus. Servindo. Math. 20:20 28.

Domingo 11 — Os encantos do mundo. II Tim. 4:10; I João 2:15-17.

Domingo 18 — Vida, a escola de Deus e suas lições. Ps. 119:1-8; 23-40.

Domingo 25 — Preciosas promessas de Deus. I Reis 8:54-61; II Pedro 1:1-4.

Templo do Recife.—Em resposta ao appello do Rev. Machado para a compra de um terreno para o templo do Recife foi recebida a quantia de 25$900, de uma collecta levantada na congregação da Bella Vista, nesta capital. Esta quantia acaba de ser remettida por transacção. Qualquer quantia para o mesmo fim póde ser remettida ao Rev. V. Themudo — Caixa 1242, S. Paulo.

Gavião Peixoto. — Nosso irmão Emiliano Sabino de Souza escreve-nos communicando a visita pastoral que ali e a outros logares acaba de fazer o Rev. Rangel Teixeira. O povo ficou contente com a prégação das boas novas de salvação, e espera que esse ministro não se demore em voltar. Foram recebidos em profissão de fé o Sr. Luiz Caetano e sua esposa D. Maria do Prado, que residem em Agua do Barreiro.

Descoberto, Goyaz. — Desta longinqua localidade escreve-nos o irmão Pedro Luiz de Souza:

«Graças a Deus, a nossa egreja aqui vae bem animada, dando provas de fé nestes ultimos tempos de provações.

A epidemia aqui muito grassou. No dia 12 de dezembro p. p, foi recolhido aos tabernaculos eternos nosso irmão Sansão Francisco de Souza Rosa. Chora a sua ausencia a nossa irmã viuva D. Arminda da Fonseca e Silva. No dia 23 do mesmo mez, Jordina, minha netinha, com 6 annos de edade, voou para a mansão dos anjos. No dia 16 do mesmo, D. Anna Telles de Amorim, ficando viuvo o nosso irmão Manoel Gomes das Chagas, com 3 filhinhos na orphandade. No dia 27 de janeiro p. p., falleceu o nosso irmão José Pereira Braga, pae amoroso para com sua familia. Era crente dedicado á causa do Senhor e amigo leal. Deixou viuva nossa irmã Maria Francisca Affonso, bem como numerosa familia creada.

No dia 11 de fevereiro de 1919, repentinamente falleceu o nosso estimado presbytero Justino Rodrigues de Faria, o qual era incansavel no trabalho do Reino de nosso Senhor Jesus Christo. No dia 24 de setembro de 1916, foi ordenado este nosso irmão presbytero desta egreja. O seu desejo era o de Felippe—escrever o Evangelho no coração dos peccadores. Deixou viuva, nossa irmã D. Joaquina Rosa de Oliveira, e quatro filhos na orphandade. Todos choram a sua ausencia. No dia 24 de fevereiro p. passado, falleceu a nossa irmã Maria Alves Rabello, deixando viuvo nosso irmão Antonio de Souza Lemos e trez orphams. A nossa egreja se acha toda de lucto. Que o Senhor nosso Deus e Pae console a todos os corações entristecidos».

Os agentes de nossa folha.—Para o bom desenvolvimento de nossa folha, estamos nomeando agentes em varias localidades, os quaes a receberão gratuitamente em attenção aos seus reconhecidos serviços. Os talões de recibos vão devidamente numerados e rubricados, devendo os tocos ser devolvidos para serem devidamente conferidos e archivados.

Já foram nomeadas agentes as seguintes pessoas: Tietê: Franklin de Cerqueira Leite; Sorocaba: Abner Pacheco; Capital Federal: Eudoxio Trajano; Campinas: Antonio Abreu; Borda na Matta: Alberto Ferreira Pinto; Cabo Verde: Dr. Mario de Oliveira Paes; Jacarézinho: João Candido Junior; Mogy Mirim: João Bertolaso; Bariry: D. Francisca Pereira Garcia Pinheiro; Bauru: Paulo Valle; Rio Preto: Domingos Mesquita; Botucatu: Bartimeu Vaz de Almeida; Fartura: Messias Pereira de Castro; Jahu: D. Francisca Pereira Garcia Teixeira; Santo Antonio da Boa Vista: Bento Vieira Brisolla; Curityba: José Barddal; Bella Vista: Marcilio A. Camargo; S. Luiz do Maranhão: Joaquim da Motta Cotrim; Ribeirão Claro: Francisco Virginio Villela; Natal: Manoel Evaristo da Cunha; Fortaléza, Ceará: Candido Olegario Moreira; Cerradão: Gabriel B. de Pontes; Turvinho: Lobni de Souza; Bebedouro: Joaquim Martins Evangelista; Lorena, Piquete, Cachoeira, Cruzeiro e Embahu: Corintho Chrispim de Souza; Itapetininga: João da Silva Cardoso; Jacutinga e Guaricanga: Dr. Horacio Nogueira; Jacutinga, Minas: D. Glorinha Pereira; Assis: Antonio Zamboni; Torre de Pedra: Octaviano Trindade de Avilla; Guareby: Finador Porphirio da Silva; Bica de Pedra: D. Olinda Gomes do Carvalho; Cosmopolis: Alberto Fierz Junior; Iacanga: André Martins de Quadros; S. Carlos: D. Isabel Botelho de Camargo; Gavião Peixoto, Nova Europa e Nova Paulicéa: Luiz Caetano do Prado; Santa Cruz do Rio Pardo: Livino Lobo; S. João da Bocaina: D. Jovina Alvarenga.

Serviço de evangelização. — Deverão prégar, domingo 20, na Bella Vista, o Rev. Themudo; no Braz, Waldemar Silva; domingo 27, na Bella Vista, o Rev. Themudo; no Braz, Ricardo Mayorga; em Sant'Anna, Oscar Cesar de Mello; em Juquery, Paulo Higgins.

FARINHA DE CEREAES MALTADA

Alimento unico para creanças, adultos e convalescentes

FABRICANTE: CANDIDO DA SILVA MEDEIROS Rua Brigadeiro Galvão, 149 Teleph. 379 cid. - S. PAULO

Encontra-se em todas as drogarias, pharmacias e emporios.

O que dizem notaveis medicos:

«Attesto que tenho empregado, quer no curso de molestias intestinaes, quer na convalescença de molestias gravês, a farinha de cereaes maltada, fabricada pelo *sr. Candido da Silva Medeiros*, como regimen alimentar unico, com os melhores resultados. · Dr. AUGUSTO PACHECO».

O Dr. JOAQUIM DOMINGUES LOPES, diplomado em medicina e pharmacia pela Faculdade do Estado da Bahia, etc., etc., etc.

«Attesta sob a *fé* de seus graus que examinando a FARINHA DE CEREAES MALTADA, manipulada pelo sr. CANDIDO DA SILVA MEDEIROS, empregou-a em uma sua neta com optimos resultados, pelo que resolveu aconselhá-la na sua clinica de creanças e os resultados foram patentes, por isso julga este producto superior aos seus similares, pois é de facil assimilação, dando vigor aos organismos infantis depauperados, desenvolvendo a tonicidade e rigidez da musculatura e sustando as perturbações gastro-intestinaes tão communs na primeira infancia.

Ainda optimos resultados tem obtido pelo emprego della nos adultos na convalescença de molestias graves e que determinam enfraquecimento do organismo.

São Paulo, 27 de Dezembro de 1918. — Dr. JOAQUIM DOMINGUES LOPES. (Firma reconhecida).

Tenho empregado em minha clinica de creanças a FARINHA DE CEREAES, preparada pelo sr. Candido da Silva Medeiros, com optimos resultados. A sua cuidadosa manipulação e os elementos componentes da mesma fazem-n-a um alimento de primeira ordem para creanças mal nutridas. — Dr. MARIO GRACCHO.

Attesto que tenho empregado com excellentes resultados a «FARINHA DE CEREAES MALTADA», preparada pelo Sr. Candido da Silva Medeiros. — Dr. RICIOTTI ALEGRETTI.

Eu, abaixo assignado, Dr. em medicina pela faculdade do Rio de Janeiro, etc.

Attesto que o producto denominado «FARINHA DE CEREAES MALTADA, do sr. Candido da Silva Medeiros, é um alimento completo, quer para convalescentes e pessoas de estomago delicado, quer principalmente para creanças que não são alimentadas com leite de peito.

Quando este é insufficiente, a FARINHA DE CEREAES é um recurso inestimavel para supprir aquelle deficit. Eu a aconselho sempre em taes casos e só tenho que me louvar de semelhante resolução. Dr. J.J. DA NOVA.

Attesto que tenho empregado com o melhor resultado, na minha clinica infantil, como o mais completo succedaneo do leite materno e *unica alimentação artificial* que realmente me tem satisfeito, a «FARINHA DE CEREAES MALTADA», producto do sr. Candido da Silva Medeiros, a qual recommendo com insistencia mesmo para adultos em virtude dos seus ricos elementos de nutrição. -- Dr. CESIDIO DA GAMA E SILVA.

Firmas reconhecidas.

CASA ATLAS DO BRAZ

Depositaria do afamado

CALÇADO ATLAS

E DOS AFAMADOS **CHAPÉOS**

MANGUEIRA

Secção de armarinho

Del Nero & Garcia

251, AVENIDA RANGEL PESTANA — BRAZ TEL. 201